



5ª Conferência de Energia e Recursos Naturais da América Latina

**Óleo e Gás, Energia
Elétrica, Mineração,
Infraestrutura e Logística**

Setembro de 2016 - Rio de Janeiro - KPMG

kpmg.com/energylatam

Informações relevantes



EDITORIAL

Em setembro de 2016, nós da KPMG no Brasil tivemos mais uma vez a honra de receber no Rio de Janeiro alguns dos mais importantes tomadores de decisão dos mercados brasileiro e latino-americano de energia e recursos naturais. Nossa Conferência, realizada em parceria com o LIDE Rio de Janeiro, debateu as mais importantes questões que mobilizam o setor e cumpriu, mais uma vez, o importante papel de ajudar esses líderes oferecendo informações relevantes sobre seus mercados. Esperamos que elas possam ajudá-los a enfrentar os imensos desafios e a aproveitar as oportunidades de negócios que se apresentam para os próximos anos.

Além de transmitir relevantes mensagens apresentadas nos debates, o encontro teve como objetivo proporcionar a oportunidade de contato, de troca de experiências e de pontos de vista entre profissionais com objetivos e interesses comuns, apresentando tendências e perspectivas que possam instrumentalizar líderes de todas as regiões com ferramentas estratégicas para o crescimento de suas organizações, tornando-as mais aptas e ágeis para lidar com as complexidades de um mundo em constante transformação.

Esta publicação tem o objetivo de registrar esse importante acontecimento.
Aproveite a leitura!

Pedro Melo

Presidente da KPMG no Brasil

Índice

2



Editorial

Informações relevantes

Pedro Melo, Presidente da KPMG no Brasil

4



Introdução

Definindo estratégias para os negócios

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG no Brasil e América Latina

5



KPMG Global Energy Institute
para América Latina

6



Know

Mulheres no
comando

7



Palestra de abertura

Financiamento para o setor
de energia

8



CEO Outlook

Com a palavra, os CEOs

10



Governança e conformidade

Compliance, Gerenciamento de
Riscos e Governança Corporativa

11



Óleo e Gás

Sessões paralelas
em debate

12



Energia Elétrica

Momento de
transformação

13



Licenças

Desenvolvimento aliado
à preservação

14



Palestra de encerramento

Perspectivas para o
Brasil e o mundo

Definindo estratégias para os negócios

INTRODUÇÃO



É com grande alegria que apresentamos a seguir um resumo da 5ª Conferência de Energia e Recursos Naturais da KPMG para América Latina. O encontro, que aconteceu no dia 13 de setembro de 2016, no Rio de Janeiro, recebeu nesta edição 355 profissionais, sendo dois terços deles C-Level, tomadores de decisão do primeiro escalão das principais empresas do setor na América Latina.

A Conferência de Energia e Recursos Naturais da KPMG firma-se a cada edição como um dos mais importantes encontros de profissionais do setor da América Latina e vem-se mostrando capaz de reinventar-se, amadurecer e proporcionar discussões de alto nível motivadas, principalmente, pela experiência de nossos convidados.

O setor de energia e recursos naturais é prioritário para a KPMG. Prova disso é o fato de receber investimentos diferenciados para o desenvolvimento de soluções e a capacitação de seus profissionais. O KPMG Global Energy Institute é formado por quatro centros de excelência globais, sendo um deles localizado no Rio de Janeiro. É uma rede global de network para o setor e também um exemplo significativo da importância conferida a essa área pela Organização.

Um dos grandes sinais de sucesso da Conferência de Energia e Recursos Naturais é o de conseguirmos, com base na opinião dos principais players do setor, contribuir nas definições estratégicas e nas diretrizes de negócio. A quarta edição da Conferência, realizada no México em 2015, trouxe-nos importantes insights. E não foi diferente nessa oportunidade.

Antes da abertura dos trabalhos no salão principal, com uma palestra da superintendente de Energia do BNDES, oferecemos um café da manhã especial organizado pelo KNOW - KPMG Network of Women no Brasil. O painel contou com a presença exclusiva de executivas e debateu o papel cada vez mais relevante das mulheres nos postos de comando das principais empresas do mundo.

Os debates prosseguiram com temas como Governança e Conformidade, Petróleo e Gás, Energia Elétrica, Mineração, Infraestrutura e questões socioambientais. Encerramos com a brilhante participação do ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do Banco Central Pedro Malan, que nos presenteou com seu olhar atento sobre o cenário de negócios brasileiro e internacional, além de sua rara sensibilidade em relação ao atual cenário, seus desafios, suas oportunidades e suas perspectivas.

Tudo isso você pode conferir nas próximas páginas. Espero que esta publicação possa apoiá-lo nas suas decisões de negócio. Contamos com a sua presença no próximo evento e sua participação em nossos diversos fóruns de debates que estão à disposição nas redes sociais, na Internet, entre outros meios.

Boa leitura!

Martiniano Lopes

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG na América Latina

KPMG Global Energy Institute para América Latina

O setor de Energia e Recursos Naturais é um dos mais complexos da atualidade, e Energia é um dos temas de maior destaque no cenário global. Este setor vive em constante mudança, onde obrigações regulatórias e socioambientais, desafios tecnológicos, inovações, demandas locais e globais estão em pauta dos principais executivos, órgãos e agências do setor.

A KPMG fundou o Global Energy Institute (GEI) para trazer o conhecimento e a experiência dos profissionais e projetos da KPMG em todo o mundo, e compartilhá-los com nossos clientes e membros.

O Centro de Excelência para América Latina conecta os executivos, especialistas do setor e da KPMG, estabelecendo um ambiente dedicado a ajudar as organizações e seus stakeholders a identificar os desafios, as tendências, os riscos e as oportunidades da região, mas, em especial, contribuir nas discussões e na construção de soluções para esse ambiente complexo e de constante mudança.

Nossa plataforma está em constante expansão, e através dela são disponibilizados materiais, conteúdos e estudos globais. Tornando-se membro, além dos benefícios acima, você receberá convites para webcasts e para importantes eventos sobre o setor e participará de uma das maiores redes de executivos do setor de energia do mundo.

Se programe e veja detalhes das nossas próximas conferências de 2017:

- 15ª Conferência Global de Energia - Houston, Texas (EUA) – **24 e 25 de Maio**
- 6ª Conferência de Energia e Recursos Naturais da América Latina – México - **31 de Agosto**

Acesse nossa plataforma no
www.kpmg.com/energylatam
e se torne-se um membro.



História do Global Energy Institute

Fundado em 2007, o GEI interage com seus mais de 40.000 membros através de vários canais de mídia, incluindo webcasts de áudio e vídeo, publicações, white papers, podcasts, eventos e boletins trimestrais. Em fevereiro de 2011, o GEI abriu suas portas no escritório da KPMG em Houston dos EUA. O centro de conhecimento da KPMG, que possui mais de 5.000 metros quadrados com modernas instalações para treinamentos, fornece o pano de fundo perfeito para fóruns e conferências presenciais do GEI.

Atualmente, o GEI opera regionalmente, contando com 4 Centros: América do Norte, América Latina, Ásia-Pacífico e Europa, Oriente Médio e África (EMA). Além dos GEIs regionais, a KPMG conta com 13 Centros de Energia dedicados, que estão localizados estrategicamente ao redor do mundo. Esses Centros atuam em parceria com os GEIs regionais e essa estrutura nos permite transferir conhecimento de forma rápida, atendendo demandas regionais e globais.



Mulheres no comando

“Nos Estados Unidos existem mais CEOs chamados ‘John’ do que CEOs mulheres”. Tania Consentino, da Schneider.

Um café da manhã com plateia exclusivamente feminina abriu a conferência de 2016; em pauta, diversidade, ética e respeito ao meio ambiente

Eram 7h30 e o Sol ainda brilhava tímido nas areias da praia. Havia, ainda, muito espaço para os banhistas armarem seus guarda-sóis e estenderem suas esteiras na orla. Mas do outro lado da Avenida Atlântica, no primeiro andar do Copacabana Palace, o Salão Azul da 5ª Conferência de Energia e Recursos Naturais já estava lotado, com um público exclusivamente feminino aguardando a apresentação da presidente da Schneider Electric para a América do Sul, Tânia Consentino.

Meio ambiente

Tânia falou para algumas das mais importantes executivas do Brasil sobre o papel da mulher no mundo corporativo, a diversidade, a ética, o fim da corrupção, a eficiência energética, a eficiência nos processos, o respeito às comunidades, o acesso à energia para localidades remotas e, principalmente, o respeito ao meio ambiente como uma necessidade econômica. A executiva defendeu veementemente a urgência na transição para uma economia baseada na descarbonização dos processos produtivos e o investimento em tecnologias de baixo carbono como forma de sobrevivência do ambiente de negócios.

Na véspera, o presidente Michel Temer havia ratificado o texto final da COP 21, que prevê até 2020 investimentos mundiais de US\$ 5,78 trilhões para mitigar as consequências do efeito estufa. “Fica claro que investir em tecnologias de baixo carbono é a grande oportunidade de negócios no século 21”, disse a palestrante. Segundo ela, que participou dos debates na

COP 21 em dezembro passado, energia foi o tema central das discussões na conferência do clima. Tânia lembrou que outro tema central em Paris foi a necessidade da presença mais efetiva do setor privado na luta contra o aquecimento global. “O entendimento de todos é de que não é uma coisa que o governo possa fazer sozinho”.

Ética e corrupção

A executiva lembrou que o mundo perde US\$ 2,7 trilhões por ano pelos ralos da corrupção, relacionando ética e gênero. “Precisamos lutar por um mundo mais ético e transparente. E eu acho que aí a mulher tem um papel relevante”, afirmou. “A gente percebe uma postura mais firme das mulheres em certos temas em que o homem é mais flexível. Eu acho que aqui a gente tem uma voz importante para manter a luta contra a corrupção no Brasil”.

Passos de tartaruga

A presidente da Schneider apresentou estudos comprovando que empresas com número maior de mulheres em cargos executivos apresentam resultados financeiros melhores que a média. Apesar de reconhecer os avanços na quantidade de mulheres nas posições de comando nas corporações, Tania acha que esse crescimento tem sido muito lento: “Estamos evoluindo a passos de tartaruga e se não fizermos nada demorará 100 anos para termos igualdade”, disse, trazendo em seguida um dado inusitado que arrancou risos da plateia: “Nos Estados Unidos existem mais CEOs chamados ‘John’ do que CEOs mulheres”.



PALESTRA DE ABERTURA

Financiamento para o setor de energia

Carla destacou a reformulação das políticas operacionais, a nova organização interna mais enxuta e a nova agenda do BNDES.

Superintendente da área de Energia do BNDES falou sobre a nova estrutura e as principais prioridades do banco de fomento

O Sol já brilhava mais forte lá fora quando foram iniciados os trabalhos no principal palco da Conferência: o lendário Salão Cristal, onde funcionou, entre 1923 e 1946, o Cassino Copacabana Palace, uma das mais famosas casas da época de ouro dos cassinos no Brasil. A palestra de abertura ficou a cargo da superintendente da área de Energia do BNDES, Carla Gaspar Primavera, que falou sobre o momento de transição atravessado pelo banco de fomento. Destacou a reformulação das políticas operacionais, a nova organização interna mais enxuta e a agenda trazida pela nova presidente da instituição, Maria Sílvia Bastos Marques.

Eólica e solar

A executiva deixou clara a ênfase que o BNDES dará para o setor de energias renováveis, priorizando projetos de energias solar, eólica e de biomassa. “Isso tem total alinhamento com os compromissos assumidos na COP 21, que é crescer a matriz energética de 10% para 20% no uso de energias alternativas até 2030. É um desafio, mas achamos completamente viável”, disse a executiva.

Carla apresentou dados mostrando os resultados positivos do incentivo do BNDES ao setor de energia eólica, destacando que o objetivo do BNDES é

ampliar esses esforços para o segmento da energia solar. “Com isso o banco aprofunda a discussão dos méritos dos projetos, da sua efetividade e do quanto os projetos retribuem à sociedade o uso dos recursos públicos”, disse.

Debêntures

A superintendente de energia do BNDES citou ainda o papel preponderante do banco de fomento no estímulo ao mercado de capitais, destacando dados que mostram sucesso nas recentes iniciativas do BNDES para emissão de debêntures no financiamento de projetos. “São 46 projetos em que o banco conseguiu alocar uma quantidade razoável de debêntures de infraestrutura.

Eu queria dar um destaque grande a estes números porque conseguimos fazer isso num cenário em que a modicidade tarifária era o foco para o setor. Imagine agora o que seremos capazes de estimular num ambiente em que se quer dar mais estabilidade, mais previsibilidade e maior rentabilidade aos projetos”, disse, em referência ao Governo Temer, confirmado poucos dias antes do evento, após a aprovação do impeachment de Dilma Rousseff.



CEO OUTLOOK

Com a palavra, os CEOs

“Vamos passar nos próximos anos por um processo de reeducação dos órgãos reguladores”.
Tito Martins, da Votorantim.

Antes do início dos debates, os participantes foram convidados a responder duas perguntas. Confira a seguir as respostas a elas.

Qual é a sua expectativa em relação ao comportamento da economia global para os próximos 12 meses?

Crescimento: 26%
Estabilidade: 60%
Recoo: 14%

Qual a sua expectativa em relação ao setor de energia para os próximos 12 meses?

Melhora: 49%
Manutenção: 36%
Piora: 15%

A transição para as energias limpas e o papel central da eficiência energética ditaram mais uma vez o tom dos debates

Após a palestra do BNDES, o Salão Cristal recebeu o Painel CEO Outlook. A transição para as energias limpas e a importância da eficiência energética deu mais uma vez o tom dos debates. Tania Consentino, presidente da Schneider Electric para a América do Sul, defendeu o uso eficiente da energia como o grande caminho para o futuro dos negócios no Brasil, lembrando que até 2030 devem ser investidos em todo o mundo US\$ 6 trilhões em tecnologias de baixo carbono. *“O potencial de eficiência energética que o Brasil entrega hoje é de apenas 30%. Num ranking de 15 países divulgado pela Agência Internacional de Energia o Brasil está apenas na 15ª posição. Isso mostra que nós temos um potencial muito grande. Eu acredito que inserir a eficiência energética dentro da matriz energética do Brasil pode gerar uma grande revolução e uma grande oportunidade de negócios para todos nós”*, disse.

Mario Lindenhayn, presidente da BP Combustíveis, também destacou o potencial de oportunidades que o boom dos recursos renováveis oferece. *“No ano passado os investimentos em renováveis foram de US\$ 329 bilhões, superiores aos investimentos em energia fóssil. E principalmente em solar e eólica”*, afirmou.

Samarco

O desastre de Mariana foi tema de uma pergunta direcionada a Tito Martins, presidente da Votorantim Metais. Ele acredita que a tragédia vai provocar *“uma mudança no mindset”* de toda a sociedade no que se refere aos negócios no setor de

mineração. *“Vamos passar nos próximos anos por um processo de reeducação dos órgãos reguladores, das empresas, para que a gente chegue a um acordo sobre como esses novos projetos serão desenvolvidos”*. Outra consequência do rompimento da barragem, na opinião do executivo, será o aumento do custo para a realização dos projetos. *“Nós teremos que encontrar alternativas economicamente viáveis, soluções tecnológicas que viabilizem os negócios”*, disse.

Estímulo aos renováveis

Grande parte das dúvidas da plateia girou em torno da viabilidade das energias renováveis em um cenário de preços baixos, sobreoferta de petróleo e crise econômica, que ocasiona redução nos subsídios governamentais. Mario lembrou que a frota mundial de veículos vai dobrar nos próximos 20 anos e que, em 2036, mais de 90% deles ainda serão movidos a combustíveis líquidos, o que abriria uma imensa janela para os biocombustíveis. *“Nós temos uma oportunidade ímpar no Brasil, onde uma usina que trabalha com eficiência consegue produzir etanol a um custo equivalente de USD 40 o barril. O produto de mesma especificação produzido a partir do milho custa entre US\$ 70 e US\$ 80. Temos uma vantagem competitiva que é inerente às condições climáticas”*, destacou. Tania citou a recente entrada da China como importante player no mercado de energias renováveis como um fator-chave para a redução dos custos não só pelo aumento da demanda, mas também pelo consequente desenvolvimento de novas tecnologias correlatas.



GOVERNANÇA E CONFORMIDADE

Compliance, Gerenciamento de Riscos e Governança Corporativa

Painel debateu o papel das empresas de energia em um cenário de profunda transformação na forma de se fazer negócios

Ainda pela manhã, o salão principal recebeu o Painel Governança e Conformidade. A urgência na retirada dos Códigos de Ética das gavetas dos escritórios foi uma unanimidade entre os debatedores. *“O fato de alguém assinar o Código de Ética não muda em nada o seu comportamento”*, disse Alexandre Aquino, ouvidor-geral da Vale, destacando que o comportamento da direção da empresa deve estar de acordo com os valores definidos no código. *“É preciso que todos os sinais que a companhia emite estejam alinhados e, quando um problema é identificado, a empresa precisa tomar ações firmes”*, defendeu. Renê Sanda, conselheiro da Fundação Tupy e do Fundo Garantidor de Créditos, recomendou às empresas que os códigos sejam revisitados à luz da Lei Anticorrupção, uma vez que a

nova norma legal trouxe novidades importantes que podem exigir revisões.

Canal de Denúncias

Alexandre defendeu a ampliação do acesso aos canais de denúncias. Há dez anos, quando um canal desse tipo foi criado na Vale, recebia apenas denúncias de fraudes contábeis e somente através de carta enviada ao presidente do Conselho de Administração. Em 2011, foram criados outros canais, como e-mail e telefone, e o escopo das fraudes foi ampliado. *“No primeiro ano, o número de denúncias se multiplicou por dez. De lá para cá o crescimento tem sido da ordem de 10% a 12% por ano, porque há um conhecimento cada vez maior do canal”*.

“O fato de alguém assinar o Código de Ética não muda em nada o seu comportamento”. Alexandre Aquino, da Vale

Carlos Gomez-Pinto, vice-presidente de Auditoria Interna, Governança e Risco da Pacific Rubiales, reforçou a necessidade de centralizar os canais de envio de denúncias e fazer com que elas sejam analisadas pela alta cúpula. O comitê de ética da Pacific é composto por altos executivos, incluindo o CEO. Carlos ressaltou também a importância da confidencialidade na condução das investigações.

O valor do Compliance

Como convencer a direção das empresas a investir em ética e controles e os funcionários a aderir a essa nova cultura? Para Alexandre, os argumentos incluem a redução de prejuízos decorrentes de fraudes e de ações trabalhistas por assédio moral, a melhora no ambiente de trabalho — com consequente ganho de

produtividade — e até mesmo a exclusão do risco de desaparecimento da empresa, punição prevista na Lei Anticorrupção. Renê lembrou que a gestão de riscos traz outra vantagem competitiva ao oferecer à alta cúpula ferramentas para uma visão geral das áreas mais sensíveis, o que permite a tomada de decisões que se antecipem às perdas decorrentes dos desvios.

O diretor de governança, riscos e conformidade da Petrobras, João Elek, disse estar otimista com o futuro. *“Há uma nova geração que é muito mais intolerante com a falta de ética”*, disse. Para ele, isso mostra que a aceitação de um modelo mais correto de negócios será cada vez mais natural no país e criará mais consciência em toda a sociedade.

Antes do início do painel, os participantes foram convidados a responder perguntas sobre o tema em discussão. Confira a seguir as respostas a elas.

1 – Qual o grau de prioridade para o tema Compliance na sua empresa?

Altamente prioritário: 57%

Uma das prioridades, mas não a mais importante: 34%

Não é uma prioridade: 7%

Não sei: 2%

2 – Qual o grau de maturidade da base de Compliance da sua empresa?

Adequadamente estruturada e funcionando de forma efetiva: 28%

Estruturada, mas seu funcionamento está em desenvolvimento: 35%

Em estruturação: 24%

Não está estruturada e sem perspectivas de estruturação: 11%

Não sei: 2%

3 – Qual o grau de maturidade da base de gerenciamento de riscos da sua empresa?

Adequadamente estruturada e funcionando de forma efetiva: 20%

Estruturada, mas seu funcionamento está em desenvolvimento: 35%

Em estruturação: 29%

Não está estruturada e sem perspectivas de estruturação: 15%

Não sei: 1%

4 – Qual o seu grau de satisfação com a estrutura existente para garantir um ambiente adequado de ética e conduta na empresa?

Bastante satisfeito: 42%

Parcialmente satisfeito: 38%

Insatisfeito: 17%

Não sei: 3%



Sessões paralelas em debate

Para Jorge Camargo, do IBP, o modelo de partilha possui um “pecado de origem”: o “afã pelo controle”

Em pauta operador único, previsibilidade de rodadas e eficiência operacional vis-à-vis a política de conteúdo local e a capacidade instalada da indústria

Após o almoço, os participantes dividiram-se em três sessões paralelas. O Salão Cristal recebeu os debates sobre Óleo e Gás

O primeiro painel da Sessão Paralela 1 discutiu Óleo e Gás, com destaque para o novo modelo sem operador único e a previsibilidade das rodadas de licitações. Todos os participantes concordaram com as vantagens decorrentes do fim do operador único. Para José Formigli, presidente da Forsea Engenharia, a Petrobras tem capacidade técnica para fazer tudo o que o pré-sal exige, mas não consegue dar conta de toda a demanda. Já para o presidente do Instituto Brasileiro de Petróleo (IBP), Jorge Camargo, o modelo de partilha possui um “pecado de origem” que é o “afã pelo controle”. Paradoxalmente e por ironia, segundo ele, isso acabou prejudicando o ritmo dos leilões ao retirar do governo o controle soberano sobre a oferta das áreas de exploração, que ficou limitada pelas condições financeiras da Petrobras. O presidente PPSA, Oswaldo Pedrosa, defendeu o papel da estatal. Para Pedrosa, o fato de o Estado ser sócio do negócio exige a presença de um ente 100% estatal com direito a voto e veto.

Investimentos

No segundo painel foram abordados temas como conteúdo local e formas para evitar a desmobilização no setor. José Firmo, presidente da ABESPetro, disse que o grande desafio hoje é estancar a fuga de capital, lembrando que o investimento no

setor caiu de US\$ 35 bilhões em 2012 para uma expectativa de algo entre US\$ 15 bilhões e US\$ 20 bilhões em 2017. Já Eloi Fernández y Fernández, diretor-geral da Organização Nacional da Indústria do Petróleo (ONIP), lembrou que o Brasil tem hoje um parque industrial robusto, que o potencial do petróleo no Brasil continua bastante atraente e que, com a retomada do crescimento, a resposta tende a ser rápida, dada a excelente estrutura existente no país. Sugeriu o fim da obrigatoriedade do sistema de partilha como forma de destravar investimentos no polígono do pré-sal, o que proporcionaria leilões imediatos das áreas e facilitaria a ANP na prorrogação dos contratos na Bacia de Campos.

Conteúdo Local

Firmo considera que o princípio de conteúdo local com focos específicos pode ser muito benéfico, mas acredita que “o modelo intervencionista que exige conteúdo local de absolutamente tudo” provou-se pela experiência caro e pouco eficiente para gerar conteúdo local de fato. Para Eloi, não há outra saída a não ser discutir um novo modelo mais racional e mais desenvolvimentista, no qual haja um contato mais próximo da indústria com a ANP. O executivo destacou também a importância de a Petrobras deixar de ser, além de um operador único, também a única cliente de tantas empresas. Defendeu a abertura de portas para que outras empresas tenham um portfólio significativo de encomendas e demandas no Brasil.



ENERGIA ELÉTRICA

Momento de
transformação

A sala Rio de Janeiro concentrou os debates sobre geração, armazenamento, transmissão e distribuição de energia

Perspectivas para geração, armazenamento, transmissão e distribuição de energia foram alguns dos temas em debate nos painéis da Sessão Paralela 2, na sala Rio de Janeiro.

O primeiro painel discutiu novos modelos de negócios e o futuro do mercado. Guilherme Mendonça, vice-presidente de Energia Siemens, afirmou que as profundas transformações verificadas no setor neste momento são comparáveis à revolução vivida pelas telecomunicações nas últimas décadas. *“Há mais de 100 anos o sistema elétrico é o mesmo: um sistema linear, com grandes fontes de geração, longas linhas de transmissão, distribuição e consumo. Isso começa a se transformar com a geração distribuída”*, disse.

Para Karin Regina Luchesi, vice-presidente de Operações de Mercado da CPFL Energia, a Geração Distribuída já é uma realidade no Brasil. *“Temos mais de 2,5 mil pontos de conexão de geração distribuída solar fotovoltaica”*, lembrou. Isso representa, segundo a executiva, um crescimento de 95% entre dezembro de 2015 (quando foi publicada a regulamentação da Aneel sobre o tema) e setembro de 2016.

Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil, concordou com Mendonça quando este afirmou que a geração distribuída será majoritária em breve. Ressaltou que 65% dos 140 mil MW de energia hidrelétrica potenciais não explorados no Brasil estão na Amazônia, a maior parte em reservas indígenas, o que reduz consideravelmente as possibilidades de expansão desse tipo de fonte.

A presidente da AES Ergos, Teresa Vernaglia, também destacou o momento de transição vivido pelo setor, com uma série de desafios a ser vencidos no curto prazo pelas empresas de energia. *“Há cinco anos não falávamos aqui no Brasil de energias renováveis, baterias, nem de Geração Distribuída”*, lembrou.

Segundo ela, é impossível prever o cenário daqui a cinco anos, mas não devemos esperar por um crescimento significativo em energia hídrica. Além disso, acredita que o poder do consumidor de ditar as regras do mercado está em ascensão.

Investimentos

O segundo painel da sessão debateu a atração de investimentos para o setor. Os palestrantes foram unânimes ao afirmar que existe muito dinheiro disponível no exterior para investimentos nos países em desenvolvimento, e a juros baixos. Ressaltaram também que o interesse no Brasil cresceu nos últimos meses com as mudanças políticas no âmbito federal.

Para Erik Rego, diretor-executivo da Consultoria Excelência Energética, estabilidade e previsibilidade regulatória são as palavras-chave para atrair capital. Ele criticou duramente medidas impostas pelo governo anterior sem debate com a sociedade, como a MP 579. *“Já passamos pelo pior. O sinal para o futuro é mais positivo. Hoje o governo participa dos eventos do setor e nos recebe”*. O executivo percebe sinais de uma nova postura mais realista e menos intervencionista vindos de Brasília. Citou como exemplos do que classificou de *“realismo de preço e realismo de oferta”* recentes decisões do novo governo, como a revisão da garantia física das hidrelétricas e o cancelamento do pagamento do lastro de potência.

José Guilherme Souza, sócio da Vinci Partners, ressaltou que o desafio para atração de investimentos é imenso, dada a grande quantidade de ativos à venda em todo o mundo. Já Luiz Fernando Rolla, International Business Developer da ONE Natural Energy, citou como dificuldades a ser enfrentadas os escândalos envolvendo grandes empreiteiras brasileiras, o fim dos subsídios do BNDES e a quase impossibilidade de emplacar novos projetos na Amazônia.



LICENÇAS

Desenvolvimento aliado à preservação

Sessão contou com a participação da ex-ministra Izabella Teixeira e discutiu a variável socioambiental em grandes empreendimentos

**As empresas já
estão
considerando
contabilmente
o impacto das
mudanças
climáticas
sobre suas
atividades.**

A variável socioambiental e o desafio de viabilizar grandes projetos em harmonia com as questões ambientais foi o tema da Sessão Paralela 3. A ex-ministra do Meio Ambiente Izabella Teixeira admitiu a urgência no curto prazo de maior eficiência dos atuais instrumentos de gestão pública ambiental, mas criticou duramente a estrutura vigente, defendendo sua revisão radical. Destacou a dificuldade que representa o diálogo de empreendedores com as três instâncias do poder público e afirmou que, nos projetos de desenvolvimento, o debate ambiental é enfraquecido por ser pautado por um olhar sobre os problemas e não sobre suas soluções.

Celina Carpi, membro do Conselho de Administração do Grupo Libra, apresentou o que classificou de “*vida real do empreendedor*”, com o bem-sucedido projeto de expansão do terminal de contêineres do porto do Rio de Janeiro, um investimento de R\$ 500 milhões concluído em 2014. Paulo Carvalho, pesquisador da UFRJ com ampla experiência em processos de licenciamento, criticou o que classificou o “*olhar cartorial*” dos investidores sobre as licenças, como se fossem processos puramente burocráticos. Ressaltou, ainda, uma tendência das companhias de decidir pela realização dos projetos sem medir com antecedência os riscos a eles inerentes.

Licença Social

O conceito de Licença Social permeou as falas no segundo painel. Ele define o olhar que a sociedade em geral e as comunidades locais têm sobre os empreendimentos e,

consequentemente, sobre os empreendedores. Na opinião de Andrea Santos, secretária executiva do Painel Brasileiro de Mudanças Climáticas, apesar de informal, a Licença Social é tão importante quanto a licença formal. Ela lembrou também a necessidade de descarbonização da economia até o final deste século e que muitas empresas já estão considerando contabilmente o impacto das mudanças climáticas sobre suas atividades. Flavio Doehler, superintendente da Diretoria de Novos Negócios da CEMIG, uma das participantes do consórcio de Belo Monte, criticou o que considera excessos dos ambientalistas, que prejudicam a concretização de novos projetos. Mostrou-se preocupado com a possibilidade de falta de energia caso a retomada econômica brasileira ocorra no curto prazo.

Patrícia Montenegro, gerente global de Relações Ambientais da Votorantim Cimentos, apresentou o estudo de caso da instalação de uma fábrica no município de Primavera (PA), no qual a população local foi envolvida em todas as fases do processo e também das decisões estratégicas.

Já o português Pedro Salgado, diretor de Responsabilidade Social e Relações Institucionais da EDP, apresentou as ferramentas que a empresa desenvolveu para lidar de forma mais estruturada com as comunidades locais. Lembrou que a construção de uma hidrelétrica pressupõe um relacionamento de três décadas com a comunidade local e que “*nenhuma empresa quer viver num inferno por 30 anos*”.



PALESTRA DE ENCERRAMENTO

Perspectivas para o Brasil e o mundo

Pedro Malan encerrou a Conferência apresentando os possíveis cenários para o setor de energia e recursos naturais em curto, médio e longo prazos

A 5ª Conferência de Energia e Recursos Naturais da KPMG foi encerrada com a participação do ex-ministro da Fazenda Pedro Malan. Ele fez uma abrangente análise da situação econômica e da política atual no Brasil e no mundo, indicando as tendências futuras.

Mundo

Globalmente, Malan acredita que os tempos de bonança observados nos primeiros dez anos deste século não devem repetir-se mais nas próximas duas décadas. Lembrou, porém, que as maiores oportunidades estarão nos países em desenvolvimento. Citou a explosão demográfica que ainda ocorrerá na Ásia e na África, com intensa transferência de populações rurais para centros urbanos em diversos países, entre eles Índia e China. *“Vai haver demanda por energia, alimentos, metais e outros minerais, e esses itens terão de ser importados”*, disse, citando o Brasil como um dos principais países aptos a atender a essas demandas.

Cenário local

O economista mostrou apreensão com o *“fato inédito”* de ocorrerem hoje no Brasil três crises graves e simultâneas: além das incertezas política e econômica, temos a Lava-Jato, um amplo processo de investigação que atinge diretamente algumas das principais pessoas físicas e jurídicas do país. Ainda assim, mostrou-se otimista quanto às perspectivas para médio prazo. *“A minha visão é de que nosso futuro está, como sempre esteve, em nossas mãos, e que a situação que estamos vivendo é fundamentalmente derivada de ações, omissões, acertos e desacertos na condução da política econômica e institucional do país ao longo dos últimos muitos anos”*, indicando ser possível a reversão desse quadro.

Responsabilidade fiscal

Em relação aos caminhos para saída da crise, Malan elogiou as primeiras indicações e iniciativas do Governo Temer, como a reforma da previdência e o esforço por investimentos em infraestrutura. Mas apontou como fator determinante para a retomada da confiança a adoção de uma política fiscal responsável e confiável. *“O problema fundamental está na política fiscal, porque um governo que não tem um mínimo de compromisso com a responsabilidade fiscal acaba encontrando maneiras não transparentes para expandir seus gastos, independentemente do estatuto jurídico do seu banco*

central”. Para ele, isso faz com que a sociedade não compreenda que *“nem tudo é possível porque é desejável e que o germe de uma despesa meritória não traz consigo a semente do seu financiamento”*.

Petrobras

Malan teve duras críticas à gestão da Petrobras nos últimos anos, mas declarou estar confiante com os efeitos no médio prazo da escolha de Pedro Parente para o comando da estatal.

Antes da palestra do ex-ministro, os participantes foram convidados a responder perguntas sobre expectativas para a economia. Confira a seguir as respostas a elas.

1 – Qual a sua expectativa de crescimento do PIB do Brasil em 2017?

Acima de 2%: 5%
Entre 1% e 2%: 41%
Entre 0% e 1%: 46%
Abaixo de zero: 8%

2 – Qual a sua expectativa para a inflação no Brasil em 2017?

Acima de 6,5%: 45%
Entre 5% e 6,5%: 49%
Entre 4% e 5%: 5%
Abaixo de 4%: 1%

3 – Qual a sua expectativa para a taxa do Dólar no Brasil em 2017?

Acima de R\$ 3,50: 19%
Entre R\$ 3,10 e R\$ 3,50: 59%
Entre R\$ 2,90 e R\$ 3,10: 19%
Abaixo de R\$ 2,90: 3%

4 – Qual a sua expectativa referente à taxa Selic para o final de 2017?

Deverá subir significativamente (acima de 14,50%): 2%
Deverá subir moderadamente (entre 14,15% e 14,50%): 14%
Deverá ficar no patamar atual (14,15%): 21%
Deverá cair moderadamente (entre 13% e 14%): 49%
Deverá cair acentuadamente (abaixo de 13%): 14%

Fale com o nosso time

Martiniano Lopes

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG no Brasil e América Latina

Tel.: +55 (11) 3940-3101
martinianolopes@kpmg.com.br

Anderson Dutra

Líder de Oil&Gas da KPMG no Brasil

Tel.: +55 (21) 2207-9477
adutra@kpmg.com.br

Alexandre Machado

Diretor de Desenvolvimento de Negócios de Oil&Gas da KPMG no Brasil

Tel.: +55 (21) 2207-9420
alexandremachado@kpmg.com.br

Franceli Jodas

Líder de Power&Utilities da KPMG no Brasil

Tel.: +55 (11) 3940-3171
fjodas@kpmg.com.br

Pieter Van Dijk

Líder de Metals&Mining da KPMG no Brasil

Tel.: +55 (21) 2207-9424
pdijk@kpmg.com.br

Nestor Garcia

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG na Argentina

Tel.: +54 (11) 4316-5862
nrgarcia@kpmg.com.ar

Claudia Cañas

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG na Colômbia

Tel.: +57 16188000
ccanas@kpmg.com

Alejandro Cerda

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG no Chile

Tel.: +56 227981201
acerda@kpmg.com

Moraima Vizuite

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG no Equador

Tel.: +593 22444228
mvizuite@kpmg.com

Ruben Cruz

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG no México

Tel.: +52 5552468300
rubencruz@kpmg.com.mx

Juan José Córdova

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG no Peru

Tel.: +51 1613000
jcordova@kpmg.com

Rodrigo Ribeiro

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG no Uruguai

Tel.: +598 (2) 9024546
rribeiro@kpmg.com

Mauro Velazquez

Líder de Energia e Recursos Naturais da KPMG na Venezuela

Tel.: +58 (212) 2777855
mjvelazquez@kpmg.com

Felipe Domingues

Gerente do Instituto de Energia da KPMG para América Latina

Tel.: +55 (21) 2207-9539
fdomingues@kpmg.com.br

www.kpmg.com.br



© 2017 KPMG Auditores Independentes, uma sociedade simples brasileira e firma-membro da rede KPMG de firmas-membro independentes e afiliadas à KPMG International Cooperative ("KPMG International"), uma entidade suíça. Todos os direitos reservados. Impresso no Brasil.

O nome KPMG e o logotipo são marcas registradas ou comerciais da KPMG International.

Todas as informações apresentadas neste documento são de natureza genérica e não têm por finalidade abordar as circunstâncias de uma pessoa ou entidade específica. Embora tenhamos nos empenhado em prestar informações precisas e atualizadas, não há garantia de sua exatidão na data em que forem recebidas nem de que tal exatidão permanecerá no futuro. Essas informações não devem servir de base para se empreenderem ações sem orientação profissional qualificada, precedida de um exame minucioso da situação em pauta.

Projeto gráfico e diagramação: Gaudi Creative Thinking

Impulso para sair na frente

Sustentabilidade, inovação e
regulação são importantes
para o seu negócio?

A área de Energia e Recursos Naturais da KPMG ajuda você a atuar de forma responsável, desenvolvendo e implementando soluções com resultados reais. Investimos no Global Energy Institute para compartilhar o conhecimento e a experiência de nossos profissionais e projetos do setor em todo o mundo.

KPMG Global Energy Institute para América Latina - Inscreva-se e fique por dentro das novidades do setor www.kpmg.com/energylatam

Anticipate tomorrow. Deliver today.

